

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

234

INSCRIÇÕES 811-814



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Todos os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação | CEAACP*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:  
[fe.revista@uc.pt](mailto:fe.revista@uc.pt)

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas  
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



ALMOFARIZ DRAMONT D1 ACHADO EM TRÓIA  
(*Conventus Pacensis*)

Numa altura em que, devido a excepcionais condições climáticas, no ano de 1990, o rio Sado deixou a descoberto, no areal da península de Tróia (freguesia do Carvalhal, concelho de Grândola, distrito de Setúbal), três fragmentos de um almofariz romano, de arenito rosado (FIG. 1).

O bordo exterior foi polido e o seu interior é rugoso, como habitualmente.

Pasta castanha avermelhada de grão fino, dura, foliácea e cozedura oxidante. E.N.P. apresenta quartzos leitosos e hialinos, óxido de ferro vermelho, piroxenas (?), moscovite, biotite, calcário e fragmentos de conchas.

A areia grossa, rolada, aplicada no interior do almofariz apresenta piroxenas, olivinas, quartzos hialinos e mais raros leitosos, óxidos de ferro vermelhos, calcites e fragmentos de conchas.

Mediria 41 cm de diâmetro; a espessura é de 9 cm, o bordo de 5. O vertedouro tem 9 cm x 2,5/4 cm de largo, profundidade máxima de 2 cm (FIG. 2).

Apresenta do lado direito do vertedouro (FIG. 3) a marca SATVRNINI («de Saturnino»), letras de 1,2 cm de altura,

chancela de 5 cm de comprimento. Letras em relevo, elegantes: veja-se o T de vértices mais largos e de haste vertical a alargar para a base; o I, mais largo nos vértices. Elegância que não é maculada pelo facto de estarem ‘cheios’, ou seja, sem delimitação dos vazios internos, o A, assim como o R e o primeiro N.

Do lado esquerdo do vertedouro, a representação de uma palma, de 1 cm de largura e cerca de 2 cm de comprimento, com o pé para o lado do interior do almofariz (FIG. 4).

O almofariz é idêntico ao que Carmen Aguarod Otal<sup>1</sup> apresenta na p. 131, Fig. n. VII, figura que tem a legenda «Disposición y sentido de los sellos en los morteros Dramont D 1 hallados en la Tarraconense». É o desenho C dessa figura. Neste caso, o «ramo de palma» (assim o designa) está do lado direito do vertedouro, no sentido do círculo, enquanto o de Tróia se apresenta orientado segundo o vertedouro; a marca SATVRNINI está do lado esquerdo (a de Tróia no lado direito e em sentido inverso). No exemplar aí figurado a marca tem o nexó VR, enquanto o exemplar de Tróia aparenta ter o nexó, mas não tem. Nas duas páginas seguintes (132 e 133), vem a ficha do que Carmen Aguarod chama o «mortero selado n. 1», procedente de *Emporiae* (Ampúrias).

Quanto à circunstância de o oleiro (*offinator*; assim o designa) se identificar mediante o *cognomen*, Carmen Aguarod interroga-se: «No sabemos bien si esto se debe a su condición de esclavo o a que era usual en la forma Dramont D 1 el empleo de pequeñas cartelas, donde el nombre del *offinator* se encontraba muy resumido, tal como vemos en otros casos» (p. 132). É natural que se tratasse de um escravo ou mesmo de um liberto; mas a identificação por apenas um nome não causa admiração, por ser frequente. De resto, o «mortero selado n. 3» de Carmen Aguarod (p. 135-136) traz a «assinatura» de *M. Cimonius Saturninus*, considerado o mesmo personagem, de modo que se justifica

---

<sup>1</sup> AGUAROD OTAL (Carmen), *Cerámica Romana Importada de Cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución Fernando El Católico, 1991. Ver também, da mesma autora, «Cerámica común de mesa y de cocina en el valle del Ebro y producciones periféricas», in FERNÁNDEZ OCHOA (Carmen), MORILLO (Ángel) y ZARZULEJOS (Mar), [eds.], *Manual de Cerámica Romana III*, Alcalá de Henares / Madrid, 2017, p. 55-59.

atribuí-lo à categoria dos libertos.

Na p. 133, alude a autora à «grande difusão» que tiveram as produções de *Saturninus*: em Herrera de Pisuerga, *Uxama*, Paredes de Nava, San Tomé, *Sala*, Zollfed, Bavay e nos despojos do naufrágio de Fos I. O local de produção situar-se-á, porém, na Península Itálica. «La petrología de la pasta empleada», escreve Carmen em relação aos exemplares que estudou, «indica que su origen debe buscarse en un área de vulcanismo, que podría ser tanto el Lacio como la Campania» (p. 132). E quanto à cronologia passível de atribuir-se à sua produção, atendendo aos contextos arqueológicos identificados, não parece haver dúvida quanto à possibilidade de a localizarmos nos primórdios do século I, sendo o reinado de Cláudio o seu «término *ante quem*» (p. 135).

A descoberta deste almofariz em Tróia confirma as conhecidas intensas ligações do sítio com a área mediterrânica no tempo dos Romanos e acrescenta mais um local de achado deste tipo de objectos de cozinha. Catarina Viegas assinalara já<sup>2</sup> o aparecimento de almofarizes – mas do tipo subsequente, Dramont 2 – na região algarvia (Loulé Velho, Torre de Ares e Faro). José Carlos Quaresma fizera, em 2006<sup>3</sup>, um balanço do estudo desse tipo de utensílios, debruçando-se, de modo especial, sobre a sua tipologia e atribuição cronológica.

Há intenção, como é natural, de que o almofariz objecto deste estudo – presentemente na posse de um dos signatários – vá integrar o núcleo arqueológico de Tróia.

GUILHERME CARDOSO  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
EURICO SEPÚLVEDA

---

<sup>2</sup> VIEGAS (Catarina), «Late Republican and early empire common ware in Southern Lusitania (Algarve – Portugal): The Italians imports», in VIEGAS (Catarina) [edit.], *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta* 46. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd, 2020, p. 134-135. [Trata-se do volume de actas do 31º congresso desta sociedade, realizado em Cluj-Napoca, na Roménia, em 2018].

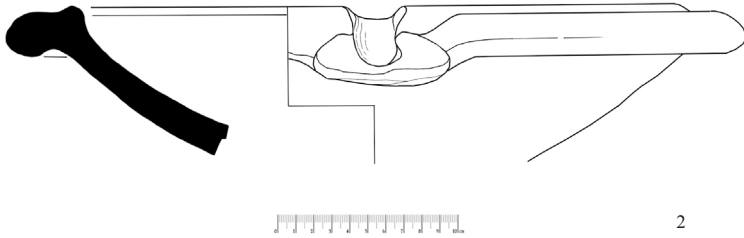
<sup>3</sup> QUARESMA (José Carlos), «Almofarizes béticos e lusitanos: revisão cronomorfológica de alguns tipos», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9/1, 2002, p. 149-166.

FOTO: GUILHERME CARDOSO



1

812



2



3



DESENHO: CATARINA BOLLIA



4